

DISCURSOS DOS EDUCADORES: UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPLANTAÇÃO DO ENSINO HÍBRIDO NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DA PANDEMIA DE COVID-19

TACIANA FERREIRA RODRIGUES¹; GLAUCIUS DÉCIO DUARTE²

¹Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Pelotas – ticianabrem@gmail.com

²Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Pelotas – glaucius@pelotas.ifsul.edu.br (orientador)

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as falas dos educadores da esfera municipal da cidade de Pelotas/RS com relação à implantação do Ensino Híbrido, metodologia educativa que vem sendo amplamente difundida para além dos dias de isolamento social. Essa discussão não é recente, porém ganhou ênfase em tempos em que a sociedade mundial enfrenta a pandemia de COVID-19. Assim, propõe-se discorrer sobre o posicionamento dos educadores sobre esse tema.

Com a finalidade de desvelar as ideologias que se configuram nos discursos dos sujeitos educadores, o *corpus* pesquisado será analisado à luz da *Análise de Discurso de Pêcheux*, que tem como principal autor Michel Pêcheux (PÊCHEUX, 2009).

Sabendo-se que as organizações sociais se constroem através de ideologias, este trabalho tem como questão de pesquisa: *Em quais pressupostos ideológicos se amparam os discursos dos educadores da esfera municipal no que tange a incorporação do ensino híbrido na Educação Básica?*

Tendo-se em mente que os caminhos para a educação se entrelaçam com o fazer político, é de suma importância compreender as bases ideológicas que norteiam o rumo da educação nacional, assim como, de procurar compreender se essas bases convergem com o que diz a nossa Carta Magna de 1988. Para tanto, faz-se oportuno analisar os discursos, pois é através desses que o sujeito deixa transparecer a sua compreensão da construção de mundo. Logo:

o sujeito se submete à língua mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar-se. E o faz em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado, em que se reflete a sua interpelação pela ideologia. A ordem da língua e da história, em sua articulação e seu funcionamento, constituem a ordem do discurso. (ORLANDI, 2007, p.2).

2. METODOLOGIA

Com a finalidade de obter respostas para a indagação proposta, esta pesquisa tem seu foco nos discursos dos sujeitos discursivos educadores de uma escola de Ensino Fundamental, situada em Pelotas/RS. Os professores serão convidados a responderem um questionário, expresso em formato de entrevista, com o objetivo de elucidar o posicionamento dos docentes sobre a implementação do ensino híbrido, neste momento da pandemia de COVID-19.

Pretende-se compreender, também, o posicionamento desses educadores frente à proposta de se estruturar a metodologia de ensino híbrido para o pós-período de isolamento/pandemia. A entrevista será gravada e, posteriormente, transcrita a fim de ser selecionado o *corpus* para análise. Por sua vez, é importante observar que, devido a situação de isolamento social, é possível que as entrevistas sejam efetivadas em formato de reunião *on-line*.

A intenção desta pesquisa inclui realizar um estudo prévio sobre a estrutura da escola para este tipo de metodologia educativa, assim como, procurar compreender como a escola vem se adaptando para dar suporte pedagógico aos seus educandos, neste contexto de pandemia, caracterizando, dessa forma, quais as dificuldades que os educadores estão encontrando e quais vêm sendo superadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, observa-se que o momento atual está propiciando aos educadores obrigarem-se a rever suas metodologias didáticas, iniciando um processo de novos estudos e internalização de práticas que, por fim, tornem suas aulas mais voltadas ao uso de novas tecnologias, partindo, assim, de algo que grande parte dos discentes já encontram-se inseridos e, dessa forma, poderão tornar as suas práticas educativas mais relevantes para os educandos.

Entretanto, essas reflexões quanto ao fazer docente não são tão simples, trazendo a tona outras questões de extrema relevância, principalmente, em se tratando de ensino público, o qual já, antes do período da pandemia, não tinha uma estrutura adequada, seja de espaço físico, seja de ferramentas tecnológicas, ou mesmo, de valorização dos educadores. Assim, entendemos que a pandemia só está ampliando e tornando mais visível as mazelas da educação pública, principalmente, no que diz respeito a este novo modelo de ensino, como diz:

A falta de recursos tecnológicos destinados à educação acaba por inviabilizar ainda mais o acesso à educação durante a pandemia, se antes a dificuldade estava em chegar até as escolas, agora muitos alunos vão enfrentar o fato de não terem recursos suficientemente para acompanhar aulas online e executar as atividades solicitadas. (AVELINO; MENDES, 2020, p. 58).

Direcionando o foco para as dificuldades nas quais os educadores vêm enfrentando, é interessante observar o relato de uma professora da rede municipal de Pelotas e do estado do Rio grande do Sul, manifestado em uma página de uma rede social, sobre a educação nos tempos de pandemia:

“Daí vejo essas lives, formações, falas de gente achando lindo o momento do ensino. Especialistas, PHD's, Coachings falando sobre suas concepções acerca do ensino híbrido, da maravilha do Classroom, das muitas possibilidades de aplicativos e parará. O novo normal são as aulas remotas e blá blá blá.

Hoje tô esgotada. Vontade de jogar o smartphone longe, de jogar o note longe. De mandar tudo pra aquele lugar. Sou professora, tenho muuuito orgulho do que faço e faço com carinho e gratidão, pra usar uma palavrinha da moda. Mas têm horas que não dá. Não nasci para essa robotização. Estou esgotada. Estamos esgotados. Professores do estado e do município.

Pais e mães nos julgando, achando que as atividades que mandamos são demais para seus filhos (não é nem um terço do que trabalhamos de conteúdo em aulas presenciais) e, no fundo, sou obrigada a concordar.

Qualquer coisa é muita coisa num momento em que estamos todos aflitos. Em que deveríamos cuidar das nossas famílias, da nossa saúde. Tudo é muito e o muito que a gente faz é pouco em relação ao que os alunos realmente merecem e têm direito.

Mas não são só as aulas a preparar. São planos de aulas, relatórios, devolutivas. São reuniões, lives, formações. São dúvidas de alunos pelo Classroom, pelo Whats, pelo Messenger, por e-mail.

As pessoas dão risada do meme, mas eu realmente tenho medo de acordar de madrugada para ir ao banheiro e ter uma live me esperando por lá.

Estamos esgotados. Já disse isso, né?

Meu smartphone não é mais meu. Tenho centenas de arquivos de terceiros ocupando espaços que deveriam ser de música ou fotografia de dias alegres. O note passa conectado ao carregador. O dia todo.

Sinto que também estou com a bateria viciada, precisando de algo que me carregue.

Estamos esgotados. A gente não se alimenta direito porque não dá tempo, pensando que, enquanto isso, muitos alunos não se alimentam direito porque não têm o que comer em suas casas. Mas devemos seguir. Pela boa ordem. Pelo bom andamento do ensino quantitativo.

Nossa vida profissional invadiu nossa vida pessoal sem pedir licença. Está a ocupar os espaços sagrados de nossas casas. Eu realmente queria menos coachingificação, menos normalização de uma situação que não está tão confortável assim.

Boa noite.

Amanhã é outro dia e muitas atividades me esperam.

Hoje eu só queria esse direito ao desabafo.” (RELATO 1).

O relato acima é apenas um no meio de várias vozes inaudíveis de docentes, que há anos vêm sofrendo com o excesso de deveres e com pouquíssimo amparo; a este respeito é oportuno destacar:

No plano de atividade real do magistério na Educação Básica, portanto, tem-se exigido cada dia mais dos professores. A escola é induzida a desempenhar funções que anteriormente não possuía, acarretando atividades diversas que exigem maior tempo de preparo do professor, sem haver necessária adequação e adaptação de suas condições de trabalho. (FAVARO *et al.*, 2020, p. 7).

O trabalho docente, em meio a pandemia de COVID-19, é só mais um ingrediente amargo com o qual a classe docente está tendo que lidar. Mais do que refletir sobre sua prática de ensino, as aulas em tempos de pandemia estão exaurindo uma categoria que há muito vem sendo negligenciada.

4. CONCLUSÕES

Neste início de pesquisa, está sendo possível evidenciar que a inserção de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) é, ou deverá ser, uma realidade concreta. Não será mais possível ter essas tecnologias meramente como suportes pedagógicos, mas sim, como ferramentas essenciais de ensino.

Entretanto, está sendo possível elucidar de maneira muito genuína, algo que, infelizmente, não é desconhecido da sociedade, que é o descaso dos governantes para com o setor da Educação e, principalmente, a desvalorização que os educadores deste país estão sofrendo, em muito tempo, para construir um futuro digno para a nação, porém, negadas lhe são condições dignas para exercerem o seu papel na sociedade contemporânea.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELINO, Wagner Feitosa; MENDES, Jéssica Guimarães. A realidade da Educação Brasileira a partir da COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 5, p. 56-62, 2020.

FAVARO, Neide; SEMZEZEM, Priscila; RAMOS, Leticia Nayele Lessa; GARCIA, Dorcely Isabel Bellanda. Trabalho docente na Educação Básica. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 8, p. 1-22, jul. 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O Sujeito Discursivo Contemporâneo**: um exemplo. Campinas: Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

RELATO 1. **Relatos docentes em tempos de pandemia**. Pelotas: [Facebook], jul. 2020. Acesso em: 11 ago. 2020.